

ENCONTROS VOCÁLICOS E VOGAIS NASAIS

META

Introduzir um debate acerca da análise dos encontros vocálicos e da existência ou não das vogais nasais.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

- distinguir ditongo crescente de ditongo decrescente;
- identificar tritongo e hiato.
- classificar as vogais nasais segundo a NGB e segundo Maltoso Câmara Jr.
- distinguir nasalidade de nasalação.

PRÉ-REQUISITOS

aula 06.

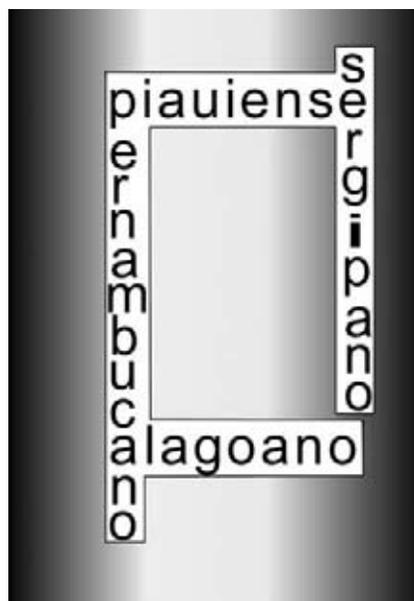


Na aula 06, você estudou as vogais que funcionam como núcleo de sílaba. Nesta aula você verá que as vogais mais altas das séries anterior e posterior podem ocupar também posição de margem da sílaba. Assim, teríamos um [i] e [u] silábicos e um [y] e [w] assilábicos. Neste segundo caso têm-se os

INTRODUÇÃO

chamados ditongos ou tritongos que contrastam com vogal simples. “Embora o português seja uma língua que se notabiliza por possuir ditongos e tritongos orais e nasais, ainda inexistem estudos mais aprofundados, quer fonéticos, quer fonológicos, sobre as vogais assilábicas.” (CALLOU; LEITE, 2005, p. 90). Temos, por outro lado, alguns ditongos que se transformam em simples vogais na fala, o que cria um problema de escrita principalmente nas séries iniciais do Ensino Básico.

O estudo dessas vogais tem ocupado a atenção de especialistas desde o século XIX. Por isso existem algumas posições teóricas que procuram dar conta da descrição desses fonemas do português. “Uma das particularidades importantes e distintivas da língua portuguesa são os sons nasais. É considerada por alguns como sendo a maior dificuldade fonológica de nossa língua.” (SIMÕES, 2006, p. 32).



Os encontros vocálicos referem-se à seqüência de sons vocálicos (vogais e/ou semivogais) que podem ocorrer numa mesma sílaba ou em sílabas diferentes. A pronúncia mais forte será sempre a das vogais, enquanto as semivogais ou vogais assilábicas serão mais fracas.

Em português, há três espécies de encontros vocálicos: ditongo, tritongo e hiato.

ENCONTROS VOCÁLICOS

OS DITONGOS

O ditongo é o encontro de uma vogal + uma semivogal, ou de uma semivogal + uma vogal. Os ditongos podem ser:

- a) decrescentes ou crescentes;
- b) orais ou nasais.

O ditongo é decrescente quando a semivogal vem depois da vogal. Exemplo: meu, foi, réu. Quando a semivogal precede a vogal, o ditongo é crescente. Exemplo: linguista, quase. Em português, apenas os ditongos decrescentes são considerados estáveis. Considera-se ditongo estável aquele ditongo que permanece sempre como ditongo; enquanto o ditongo é instável quando pode ser considerado tanto como ditongo quanto como hiato. Na linguagem coloquial, somente os ditongos crescentes que têm a semivogal /w/ precedida de /k/ (grafado q), ou de /g/ apresentam estabilidade. Exemplos: quase, lingueta.

Os chamados ditongos crescente ocorrem com menor frequência – e são mais instáveis – sempre anteceditos de consoante velar [k] ou [g], em formas como qual, igual, frequente, equestre, quinquênio, unguento, aguentar etc. (CALLOU; LEITE, 2005, p. 92.)

Da mesma forma que as vogais, os ditongos podem ser orais ou nasais. Os ditongos nasais são sempre fechados (mãe, pão, limões), enquanto os orais podem ser abertos (pai, véu, ideia) ou fechados (seu, foi, meia).

Rocha Lima, em sua Gramática Normativa da Língua Portuguesa, considera os ditongos decrescentes os verdadeiros ditongos, porque eles funcionam sempre como ditongo ao passo que os ditongos crescentes podem ser ditongos ou hiatos. Ele afirma que

Há encontros instáveis, isto é, que acusam certa flutuação de pronúncia – flutuação condicionada a fatores de ordem regional, ou grupal, e, ainda, ao grau de tensão psíquica do sujeito falante.

Estão neste caso:

1. Os encontros ia, ie, io, ua, ue, uo (átonos e finais de vocábulo): série, ausência, pátio, árdua, tênue, vácuo.
2. Os encontros de i ou u (átonos) com a vogal seguinte (tônica ou átona): fiel, luar, suor, crueldade, violento, persuadir, prior.

* Na fala espontânea do Rio de Janeiro, em condições normais de elocução, os encontros do primeiro tipo são ditongos e os do segundo, hiato. (ROCHA LIMA, 2002, p. 20).

Hodierna

Relativo aos dias de hoje, atual.

Já o professor Evanildo Bechara na Gramática escolar da língua portuguesa, quando trata dos ditongos crescentes faz a seguinte afirmação:

Em muitos destes casos pode ser discutível a existência de ditongos crescentes “por ser indecisa e variável a sonoridade que se dá ao primeiro fonema. Certo é que tais ditongos se observam mais facilmente na **hodierna** pronúncia lusitana brasileira, em que a semivogal, embora fraca, costuma conservar sonoridade bastante sensível” [Said Ali]. A divisão silábica obedecerá às normas ortográficas, isto é, serão sempre *di-a-bo*, *man-di-o-ca*, *pi-o-lho*, *mi-ú-do*, *du-al*, *má-go-a*, *sé-rie*, *gló-ria*. Este descompasso entre a realidade fonética e a ortográfica só não será



observado na divisão de sílabas métricas dos versos. (BECHARA, 2001, p. 562).

MATTOSO CÂMARA JR, baseado numa análise estruturalista, aceita-o (o ditongo decrescente) “em português, mas só quando um dos elementos vocálicos é tônico (dois elementos vocálicos átonos criam variação livre,... (MATTOSO, 2007.a, p. 56) Assim, existe ditongo em *pai* porque a ele se opõe *pá*. Mas há uma outra postura metodológica, baseada numa descrição puramente fonética, de ordem acústico-articulatória, que advoga que a existência do ditongo não está condicionada à oposição a uma vogal simples. Assim, como diz Cavaliere “a descrição dessa figura fônica do português (ditongo) é condicionada preliminarmente à teoria de que se serve o especialista, motivo que não raro põe em confronto interpretações profundamente divergentes em nossa literatura fonético-fonológica.” (CAVALIERE, 2005, p. 91).

Os ditongos tratados até agora foram orais. Se se admite a existência de vogais nasais em português, deve-se admitir também a existência de ditongos nasais. Do ponto de vista fonológico, há em português quatro ditongos decrescentes nasais: /ãy/, /ãw/, /õy/, /ũy/, como em mãe, pão, melões, muito. O ditongo /ẽy/, como em bem, também, nem sempre é aceito pelos gramáticos. Os ditongos nasais crescentes são: /wã/, /wẽ/, e /wĩ/. Exemplos: quando, frequência, quinquênio.

A MONOTONGAÇÃO

O fenômeno da monotongação é um processo de mudança sistemático e frequente em todas as fases da formação do sistema fonológico do português. Por isso a grande maioria das gramáticas históricas trata do assunto. Mas, de que se trata a monotongação? Segundo Mattoso Câmara Jr., a monotongação é uma mudança fonética que consiste na passagem de um ditongo a uma vogal simples....chama-se monotongo à vogal resultante deste processo

principalmente quando a grafia continua a indicar o ditongo e ele ainda se realiza em uma linguagem mais cuidadosa (MATTOSO, 2001, p. 170)

No português brasileiro, existem três ditongos que, em determinados contextos, podem sofrer processo de monotongação. São eles [ay], [ey] e [ow]. Esse processo de monotongação do português brasileiro é atestado em inúmeros trabalhos de cunho variacionista, e a maioria deles ressalta sua ocorrência condicionada, principalmente ao contexto fonológico seguinte. O ditongo [ay] pode monotongar-se tanto em sílaba inicial (faixa = [ˈfaʃa]), como em sílaba medial (encaixe = [eˈkaʃi]); mas não há ocorrência de monotongação de [ay] em sílaba final. Nas palavras vai, orais, mais não é monotongado o ditongo [ay]. Da mesma forma o ditongo [ey] pode monotongar-se em sílabas inicial (feixe = [ˈfeʃi]) e medial (porteiro = [poɾˈteɾu]), mas não em sílaba final. É claro que isso acontece por influência dos fonemas vizinhos. Alguns estudos da vizinhança de [ay] em palavras portuguesas mostram que o processo de monotongação ocorre sempre diante do fonema /ʃ/ como em caixa pronunciado [ˈkaʃa], ou baixo pronunciado [ˈbaʃu]. O ditongo [ey] ocorre nos seguintes contextos: antes de [ʃ], [ʒ] e [r] como em deixa, pronunciado [ˈdeʃa], queijo, pronunciado [ˈkeʒu], feira, pronunciado [ˈfeɾa].

Diatópica

Diferenças que uma mesma língua apresenta quando é falada em diferentes regiões de uma mesma país.

Os exemplos alheios a esta regra, como o da palavra manteiga – pronunciada [mãˈtega] na área **diatópica** do Rio de Janeiro – parecem dever-se a causas idiossincráticas, até porque, não obstante efetivamente ocorra monotongação em manteiga, o fato não se manifesta em leiga, Veiga, meiga etc. (CAVALIERE, 2005, p. 98)

Já o ditongo [ow] se monotonga em sílaba quer inicial, quer medial, quer final como demonstram as palavras ouro, estouro e falou pronunciadas [ˈoru], [eʃˈtoru], [faˈlo]. Esse processo de monotongação do ditongo [ow] não é condicionado por vizinhança silábica como podemos ver em sou, couve, pouco, pouso, poupança, dourado, trouxa, contou, votou etc. O ditongo [ow] só persiste

nos casos em que o /l/ passa a semivogal /w/ como em colcha = ['kowʃa], golfe = ['gowfi] etc

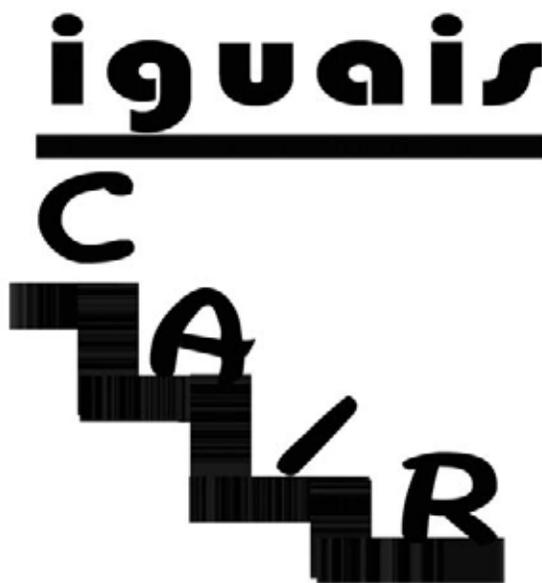
As pesquisas realizadas acerca da monotongação desses ditongos revelam que o processo de monotongação do ditongo [ow] praticamente já se constitui em uma regra devido seus altos índices de ocorrência.

OS TRITONGOS E OS HIATOS

Além dos ditongos temos os tritongos e os hiatos. O tritongo é o encontro de uma vogal entre duas semivogais, claro que numa mesma sílaba. São orais os tritongos /way/, /wey/, /wiw/, /wow/ como em quais, enxagüei, delinqüiu, apaziguou; e são nasais os tritongos: /wãw/, /wẽy/, /wõy/, como em quão, enxáguem, saguões. Observe que nos tritongos /wãw/ e /wẽy/ a semivogal pode não vir representada graficamente (minguam, enxáguem).

Hiato é o encontro de duas vogais em sílabas diferentes por guardarem sua individualidade fonética. No português, podem se encontrar hiato:

1. entre vogais iguais átonas como em caatinga; nesse caso há uma tendência muito grande ao fenômeno da crase, pronunciando-se apenas um fonema.
2. entre vogais iguais, sendo a primeira tônica como em creem; nesse caso, destrói-se o hiato pela inclusão de uma semivogal /y/, ocasionando a pronúncia ['kɾe y]. Há também a pronúncia sem o hiatõ como em ['kɾ y].



Iode

É o agrupamento de uma semivogal entre duas vogais em qualquer lugar da palavra – começo, meio ou fim. Foneticamente, ocorre duplo ditongo conforme o número de semivogais. A iode será representada com duplo /y/: ay-ya, ey-ye, mas essa semivogal será representada apenas por um fonema, e não dois como possa parecer. Assim, a palavra praia tem cinco letras (p-r-a-i-a) e cinco fonemas /p, R, a, y, a/), mas o /y/ pertence as duas sílabas (pray-ya)

Uau

O mesmo que iode, mas com a semivogal posterior /w/.

3. entre vogais iguais, sendo tônica a segunda como em graal; aqui também pode ocorrer crase, como em alcoólico pronunciado simplesmente [aw¹ kɔliku]. Entretanto a palavra graal resiste a crase porque existe a palavra grau no português.

4. entre vogais diferentes átonas, como em violento;

5. entre vogais diferentes, sendo a primeira tônica como em atue; a maioria desses hiato tendem a ser ditongados, ou seja, transformam-se em ditongo. Assim é que essa forma verbal atue é freqüentemente pronunciada como [a¹ tuy]. Mas quando a vogal átona é baixa, o hiato se mantém: lua, tia, sua, rua etc.

6. entre vogais diferentes sendo a segunda é tônica como em caolho.

Muitas vezes, ocorrem na língua portuguesa, encontros vocálicos que ora são pronunciados como ditongos, ora como hiatos. É o que a gramática chama de sinérese e diérese. Sinérese é a passagem de duas vogais de um hiato a um ditongo crescente como em lu-ar = luar. Diérese é a passagem de uma semivogal a vogal, transformando, assim, o ditongo num hiato vai-da-de = va-i-da-de. Isso acontece normalmente na versificação.

Nem tudo é tão simples nos encontros vocálicos. Existem palavras como paio, praia, cheia, meia etc que são analisadas na maioria das gramáticas como tendo um ditongo e um hiato, entretanto “sendo o hiato o encontro de vogal-base + vogal-base, ele não existe a rigor, em palavras como goi-a-ba, Mau-á – nas quais a semivogal (de oi e de au) desfaz aquela sequência (ROCHA LIMA, 2002, p. 20) Alguns autores como Bechara atestam a duplicidade articulatória da semivogal.

Desenvolvem-se um /y/ semivogal (símbolo chamado em gramática **iode**) ou /w/ semivogal (símbolo chamado **uau**) nos encontros formados por ditongo decedente seguido de vogal final ou ditongo átono: praia = prai-a; cheia = chei-a; tuxauau = tuxau-au; goiaba = goi-a-ba.

“Nos hiatos cuja primeira vogal for u e cuja segunda vogal for final de vocábulo (seguida ou não de s gráfico), o desenvolvimento do uau variará de acordo com as necessida-

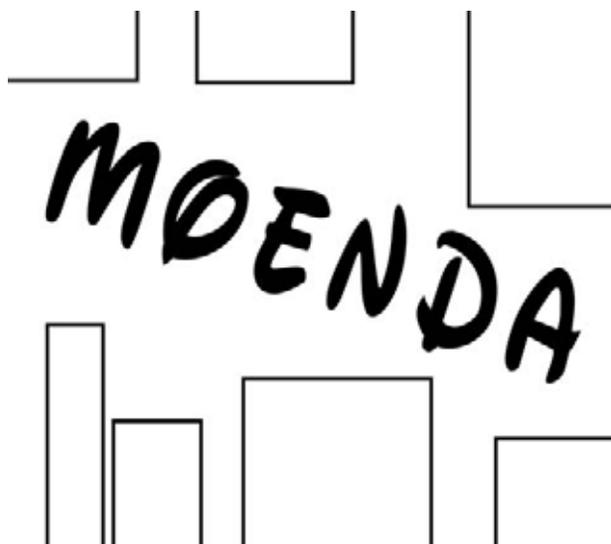
des expressonais ou as peculiaridades individuais”: nua = nu-a ou nu-ua; recue = re-cu-e ou re-cu-ue; amuo = amu-o ou a-mu-uo.

Autores há que também consideram hiato quando se trata de uma vogal e uma semivogal, como no caso de goiaba, jóia, etc. (BECHARA, 2002, p. 564).

Ao contrário, existe realmente ditongo e hiato em palavras como ma-te-ri-ais, ma-go-ei, cri-ou, con-clu-iu. Nessas palavras o ditongo decrescente vem depois da vogal; assim há realmente encontro de duas vogais: a vogal da sílaba anterior e a vogal do ditongo.

Para esclarecer essas e outras dúvidas em relação aos encontros vocálicos, muitos gramáticos apóiam-se em referenciais mais ligados à escrita em detrimento da pronúncia. Esses autores observam três pontos: a) a última letra do encontro vocálico; b) se o encontro vocálico se encontra no início, no meio ou no final da palavra e c) se a última vogal forma sílaba com alguma consoante.

Nos encontros vocálicos de duas letras se a última letra é A, E ou O, elas ficam em sílabas separadas independente de o encontro vocálico ocorrer no começo, no meio ou no final. Exemplos: ti-a-ra, co-ro-a, te-ar, fi-el, ma-es-tro, pa-vi-o. Isso acontece mesmo que haja uma consoante formando sílaba com a última vogal, como no caso de tear, fiel, maestro. Só ficam na mesma sílaba se as letras E ou O forem a segunda letra de um encontro nasal, marcado com til, ou quando estiverem depois de qu- ou gu-. Exemplos mãe, pão, qua-se, língua. Se a última letra é I ou U, as duas letras ficam na mesma sílaba independente de o encontro vocálico ocorrer no começo, no meio ou no final. Exemplo: au-tor, pei-xe, ba-ca-lhau. Ao contrário, ficam em sílabas separadas quando o I ou o U estiverem acentuados, quan-



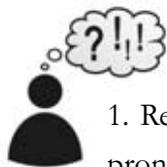
do houver uma consoante formando sílaba com elas ou se houver -nh- na sílaba seguinte como em ba-ú, fa-ís-ca, ra-iz, ca-ir, ba-i-nha.

Nos encontros vocálicos de três letras, se a última letra é A, E ou O, as duas primeiras letras ficam juntas e a última separada independente de o encontro vocálico ocorrer no começo, no meio ou no final. Exemplo: mei-a, goi-a-ba, qui-a-bo. Mas se a terceira letra for O ou A, precedido de vogal nasal o som nasal fica separado da sílaba anterior como em pe-ão, le-ão. Se houver qu- ou gu- + uma vogal com som nasal + o, as três letras ficam juntas como em sa-guão, quão. Quando a última letra for I ou U, a primeira vogal fica na sílaba anterior e as duas seguintes ficam na mesma sílaba. Exemplo: cri-ou, ma-te-ri-ais, con-clu-iu. Se houver acento na letra í ou ú que ocupa a terceira posição, as duas primeiras letras ficam juntas e o í ou o ú fica separado. Exemplo: fei-ú-ra, Gua-í-ba. Quando houver qu- ou gu- + uma vogal + a letra I ou U, as três letras ficam juntas, como em man-guei-ra, quei-jo, con-se-guiu. Preste atenção que nesses ca-

sos a primeira letra -u- forma dígrafo consonantal com o -q- ou o -g-

Existem poucas palavras com encontros vocálicos de quatro letras, e elas, geralmente, se encontram no final das palavras. Se a última letra for I, U ou O, precedido de som nasal, ela forma sílaba com a vogal anterior e fica separada das duas primeiras como em gui-ei, en-sai-ou, mei-ão, ca-cau-ei-ro; mas se a última letra for A, E ou O, ela fica separada e as três primeiras ficam juntas. U-ru-guai-o, pa-ra-guai-o, es-fa-quei-e.





ATIVIDADES

1. Reconheça os casos de monotongação, levando em conta a sua pronúncia:

- | | |
|-----------------|-----------------|
| a) travesseiro | b) comeu |
| c) deixar | d) encaixar |
| e) endinheirado | f) feixe |
| g) lanjeoula | h) manteigueira |
| i) ouro | j) restaurante |
| k) aumento | l) besouro |
| m) carteira | n) inteira |
| o) foi | p) achei |
| q) olhou | r) pai |
| s) ouvido | t) cavaleiro |
| u) jeito | v) acabei |
| w) mais | x) pois |
| y) baixo | z) encolheu |

2. Numere a primeira de acordo com a segunda:

- | | |
|----------------|------------------------------|
| () humildade | (1) ditongo nasal crescente |
| () atenção | 2) ditongo nasal decrescente |
| () explicou | (3) ditongo oral crescente |
| () abaixo | (4) ditongo oral decrescente |
| () morreu | (5) tritongo oral |
| () mensagem | (6) tritongo nasal |
| () caligrafia | (7) hiato |
| () também | |
| () dia | |
| () qual | |
| () quão | |
| () agüenta | |

- () aquarela
- () comunhão
- () finalmente
- () afinal
- () degrau
- () coisa
- () feriu
- () lançavam

3. Comente sobre o fonema intervocálico presente em: boiada, feio, paio, saia, maio

4. Separe as sílabas das palavras:

1. sabia = _____
2. conseguiu = _____
3. dias = _____
4. seguia = _____
5. sabiam = _____
6. todavia = _____
7. insinuou = _____
8. contraiu = _____
9. Uruguaiana = _____
10. viajar = _____
11. acariciar = _____
12. tainha = _____
13. ruim = _____
14. raiz = _____
15. contratuais = _____

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

1. Reconheça os casos de monotongação, levando em conta a sua pronúncia:

São passíveis de monotongação os ditongos das palavras:

- | | |
|-----------------|-----------------|
| a) travesseiro | |
| c) deixar | d) encaixar |
| e) endinheirado | f) feixe |
| g) lantejola | h) manteigueira |
| i) ouro | |
| | l) besouro |
| m) carteira | n) inteira |
| q) olhou | |
| s) ouvido | t) cavaleiro |
| u) jeito | |
| y) baixo | |

2. Numere a primeira de acordo com a segunda:

- | | |
|------------------|-------------------------------|
| (4) humildade | (1) ditongo nasal crescente |
| (2) atenção | (2) ditongo nasal decrescente |
| (4) explicou | (3) ditongo oral crescente |
| (4) abaixo | (4) ditongo oral decrescente |
| (4) morreu | (5) tritongo oral |
| (2) mensagem | (6) tritongo nasal |
| (7) caligrafia | (7) hiato |
| (2) também | |
| (7) dia | |
| (5) qual | |
| (6) quão | |
| (1) agüenta | |

- (3) aquarela
- (2) comunhão
- (4) finalmente
- (4) afinal
- (4) degrau
- (4) coisa
- (4) feriu
- (2) lançavam

3. Comente sobre o fonema intervocálico presente em: boiada, feio, paio, saia, maio.

Considera-se, nesses casos, que alguns falantes do português articulam duas semivogais em seqüência, chamadas iode, quando se trata da semivogal [y] e uau, quando se trata da semivogal [w].

4. Separe as sílabas das palavras:

- 1. sabia = sa-bi-a
- 2. conseguiu = con-se-guiu
- 3. dias = di-as
- 4. seguia = se-gui-a
- 5. sabiam = sa-bi-am
- 6. todavia = to-da-vi-a
- 7. insinuou = in-si-nu-ou
- 8. contraiu = con-tra-iu
- 9. Uruguaiana = u-ru-guai-a-na
- 10. viajar = vi-a-jar
- 11. acariciar = a-ca-ri-ci-ar
- 12. tainha = ta-i-nha
- 13. ruim = ru-im
- 14. raiz = ra-iz
- 15. contratuais = con-tra-tu-ais

VOGAIS NASAIS

Foneticamente, as vogais nasais são produzidas com o abaixamento do véu palatino, permitindo que o ar vindo dos pulmões saia tanto pela cavidade bucal quanto pela cavidade nasal. Quando o véu palatino é abaixado, há uma alteração da configuração da cavidade bucal fazendo com que a qualidade vocálica das vogais nasais seja diferente da das vogais orais correspondentes. Entretanto, como essa diferença é mínima, adotamos os mesmos símbolos utilizados na representação das orais para representar também as vogais nasais. Colocamos apenas um til acima da vogal como marca de nasalidade. As vogais nasais devem ser transcritas como [ã], [ẽ], [ĩ], [õ] e [ũ], como o faz a maioria dos autores. Como você deve ter percebido não existe diferença entre as vogais médias abertas e fechadas, porque as línguas naturais não fazem diferenciação entre as vogais abertas e fechadas. “Isso significa que [ẽ] e [ẽ̃] são equivalentes. O mesmo é válido para [õ] e [õ̃]. (SILVA, 2007, p.91)

A tradição gramatical consolidou a noção de vogal nasal como uma vogal dotada do traço da nasalidade, que se contrapõe, por esse motivo, à sua correspondente oral. É essa opinião que encontramos na maioria das gramáticas.

Ocorrendo o abaixamento do véu do paladar, divide-se a coluna de ar entre a boca e as fossas nasais, produzindo-se uma ressonância nasal. Essas vogais chamam-se, então, nasais:

[ã], [ẽ], [ĩ], [õ] e [ũ].

As vogais nasais são representadas na escrita pelas cinco letras (a, e, i, o, u), seguidas de m ou n; em sílaba final, o a nasal grafa-se com til (avelã, irmã, cidadã) (ROCHA LIMA, 2002, p. 16)

As marcas de til ou de [m] e [n] indicam o abafamento (ou travamento) da vogal, ou seja, indicam que a maior parte da corrente expiratória que produz a nasalidade sai pelo nariz. Consequentemente, “as consoantes que figuram no declive silábico como travadores nasais não têm valor sonoro próprio, mas funcionam como elemento diferenciador entre a vogal nasal e a vogal

não-nasal (ou oral), o que distingue vocábulos em português e, portanto tem valor fonológico.” (SIMÕES, 2006, p. 33) O professor Evanildo Bechara também confirma essa classificação:

São nasais as vogais que, em sua produção, ressoam nas fossas nasais. Há cinco vogais nasais (/ã/, /ẽ/, /ũ/, /õ/, /ĩ/): lâ, canto, campina, vento, ventania, límpido, vizinhança, conde, condessa, tunda, pronunciamos. É o fenômeno da ressonância, e não da saída do ar, o que opõe os fonemas orais aos nasais. Quanto ao timbre as vogais nasais tônicas e subtônicas são fechadas e as átonas, reduzidas (BECHARA, 2001, p. 559).

Como vemos as gramáticas do português sempre consideram a existência de vogais nasais ao lado de vogais orais porque esta é a opinião da Nomenclatura Gramatical Brasileira. Ou seja, consideramos que na língua portuguesa existem 12 vogais: 7 (sete) fonemas vocálicos orais e 5 (cinco) fonemas vocálicos nasais. Além da ressonância nasal, estas vogais nasais se diferenciam das orais porque têm timbre sempre fechado. Assim, o quadro fonológico das vogais nasais em sílaba tônica é o seguinte:

	posteriores	central	anteriores
altas	/ĩ/		/ũ/
médias		/ẽ/	/õ/
baixa		/ã/	

Convém chamar a atenção de que a vogal nasal / / recebe a forma fonética de um ditongo - [y] – quando ocorre em posição final de vocábulo como nas palavras bem, sentem, amém, pronunciadas [' b y], [' s t y], [a ' m y], respectivamente. Essa nasalidade das vogais em posição final é considerada uma característica particular da língua portuguesa.

Também interessante notar que a vogal / / não se manifes-

ta em sílaba final, caso em que predomina uma pronúncia ditongada [ey]: também, alguém etc. Por sinal, [ẽy] mesmo em sílabas iniciais e internas em certas vertentes diatópicas, como a do português paulistano: encontro [ẽy'kõtɾu], aumento [aw'meytu] (CAVALIERE, 2005, p.87).

Também em relação à representação ortográfica as vogais nasais apresentam o traço da nasalidade, como vimos, assinalado pelas letras m ou n em certos casos como tempo, cinco, tanto, em outros é assinalado com o uso do til como em pão, chão. Como podemos comprovar nesta citação de Cavaliere:

A palavra cançã, que designa o conhecido tipo de dança dos cabarés parisienses, registra o a nasal mediante uso de an e ã tendo em vista sua mera posição silábica. Trata-se aqui, enfim, de distinções que somente a arbitrariedade das regras ortográficas pode explicar. Verifica-se, pois, que o tratamento aplicado às vogais nasais sempre teve caráter contraditório, que se mantém até os dias atuais, não obstante vários tenham sido os estudos dedicados a esse interessante tema da Fonologia portuguesa (CAVALIERE, 2005, p. 85).

Assim, alguns estruturalistas propõem que as vogais nasais sejam entendidas como fonemas distintos das respectivas vogais não-nasais, opondo-se a estas pela qualidade da nasalidade. Dessa forma classificá-riamos as vogais nasais como o ã de canto = /'kãtu/ da seguinte forma:

/ã/ = vogal central, baixa, fechada, tônica, nasal.

E as vogais nasais escritas am, an, em, en, im, in, om, on, um, un seriam consideradas dígrafos vocálicos; aumentando assim o número de dígrafos existentes na nossa língua.

Uma outra hipótese, aquela defendida pelo linguista Joaquim Mattoso Câmara Jr., considera as vogais nasais como variantes não distintas de suas correspondentes orais. Afirmam Mattoso: bem atenção ao classificar as vogais para não colocar o traço da nasalidade em vogais que são apenas nasaladas.

... é preferível partir do arquifonema nasal /N/ como o fato estrutural básico, que acarreta, como traço acompanhante, a ressonância nasal da vogal.”(MATTOSO, 2007a p. 59) Assim, a vogal nasal é considerada como um grupo de dois fonemas vogal + arquifonema nasal, ou seja, aN, eN, iN, oN, uN. A palavra canto seria transcrita /'kaNtu/ e o a nasal seria classificado como:

/a/ = vogal central, baixa, aberta, tônica, oral.

/N/ = arquifonema nasal

De acordo com essa interpretação teríamos na língua portuguesa um tipo de sílaba travada por um elemento nasal, o arquifonema nasal /N/, que se realiza como [n] diante de consoante anterior ['lẽⁿda], como [m] diante de consoante labial [sã^mba], e como [ŋ] diante de consoante posterior ['sã^ŋgi]. Mas diante de pausa o elemento consonântico se reduz a zero. Mattoso Câmara considera o argumento contrário à existência fonológica da consoante nasal

como um argumento de ordem psicológica e não de ordem estrutural, porque é baseado no fato de que o falante e/ou ouvinte sente a existência da vogal nasal e não percebe o elemento consonântico pós-vocálico.

Mattoso Câmara, defendendo a sua tese fonológica das vogais nasais, apresenta três argumentos:

Em primeiro lugar, a sílaba com a vogal dita <nasal> se comporta como sílaba travada por consoante. Prova-o a repugnância à crase. Em Portugal, onde é a regra a elisão da vogal final diante de outra vogal no vocábulo seguinte (*grand¹ amor* etc) são fenômenos que < em regra



não

são atestados entre duas vogais, cuja primeira é nasal, em *lã azul* por exemplo > (Barbosa 1965,93), ou em *jovem amigo, bom homem* e assim por diante. Em segundo lugar, depois de vogal nasal só se realiza um /r/ forte e nunca o /r'/ brando próprio exclusivamente da posição intervocálica. Isto, que eu disse desde 1948, é repetido com outras palavras por Morais Barbosa, comentando a pronúncia obrigatória de *genro, honra* etc. (Barbosa 1965, 92). Finalmente, no interior de vocábulo, não há em português vogal nasal em hiato. Ou a nasalidade que envolve a vogal desaparece, como em *boa*, em face de *bom*, ou o elemento consonântico nasal se desloca para a sílaba seguinte, como em *valentona*, em face de *valentão* (teoricamente */valeNtoN/) ou no pronome *nenhum*, em face da locução *nem um*. Assim, não haver vogal < nasal > em hiato, dentro de um vocábulo, equivale a dizer que o arquifonema nasal, se subsiste, se comporta como qualquer outra consoante nasal intervocálica: pertence à sílaba seguinte (*uma*, e *não um-a*, como *a-sa, a-ço, a-la, a-ra* etc). (MATTOSO CÂMARA, 2007a p.59-60)

Essa posição de Mattoso Câmara é refutada, atualmente, por alguns estudiosos como o prof. Ricardo Cavaliere:

Primeiro, se é verdade que as vogais finais entram em crase ou elisão com as iniciais átonas, igualmente verdadeiro é que, sendo tônicas as iniciais, tais fenômenos não se configuram: há crase em casa aberta, mas não em casa alta. Este fato pode indicar que o sistema fonológico do português é infenso à crase em certos ambientes intervocálicos, dentre eles os de vogais nasais.

Em segundo lugar, a impossibilidade de aparecer o tepe /r / após vogal nasal não chega a ser prova inequívoca de que, em palavras como *honra* e *enredo*, a primeira sílaba termina em consoante, visto que o /R/ nelas presente também pode estar entre vogais. Na verdade, o argumento das vibrantes só seria inequívoco caso /R/ só pudesse aparecer após consoante em

português, o que, infelizmente, não corresponde à realidade. Finalmente, a tese de que o português não tem hiatos nasais falece perante a constatação de que, ao menos no português do Brasil, os próprios hiatos de vogais orais somente sobrevivem na boca do falante por força da normatização gramatical. Com efeito, quando não se monotongam, como em *ordenação* > **cordenação*, *caatinga* > **catinga*, os hiatos são intercalados por um *i* consonântico (/fonema /j/), como em *freado* > **freiado* *Andréa* > *Andréia* etc. (CAVALIERE, 2005, p. 89-90)

A gramática normativa, como vimos, interpreta a vogal nasal como dígrafo e afirma que não existe encontro consonantal em palavras como *tenda*, *pampa* uma vez que o *n* e o *m* indicariam a nasalidade da vogal que o antecede e são, portanto, dígrafos vocálicos.

NASALIDADE E NASALAÇÃO

Em todos esses casos que vimos até aqui está presente a nasalidade, ou seja, o traço nasal é decisivo para a significação e, portanto, relevante do ponto de vista fonológico. Assim, campo [ˈkãpu] se distingue de *capo* [ˈkapu] pelo traço nasal da vogal tônica. Entretanto, em muitas palavras do português como *lima*, *cano*, *tema*, *cone*, *punho*, a vogal assimila a nasalidade da consoante nasal da sílaba seguinte e tem-se como resultado uma pronúncia anasalada como [ˈlima], [ˈkãnu], [ˈtẽma], [ˈkõni], [ˈpũ̃ju].

Ora, essa nasalação vocálica, condicionada pela consoante da sílaba seguinte, não tem valor fonológico. Não há contraste distintivo entre [kãma] e uma também possível enunciação [kama] sem a nasalação da vogal (MATTOSO, 2007b p. 32).

Foi o professor Mattoso Câmara quem primeiro chamou atenção para essa nasalação da vogal sem traço distintivo. Convém chamar atenção para um fato da norma da língua portuguesa: todas as

vogais tônicas antes de uma consoante nasal na sílaba seguinte são pronunciadas nasaladas. Entretanto quando a vogal é átona

a nasalação atua como traço marcante nas variantes diatópicas do português brasileiro. As vogais pretônicas de canela, janela e panela, se anasaladas, denunciam uma pronúncia típica da região linguística do Norte e Nordeste, ao passo que, se orais, refletem a pronúncia mais disseminadas no Sudeste do país. (CAVALIERE, 2005, p. 86).

Não poderíamos terminar a nossa aula sem assinalar que a maioria das gramáticas, numa análise estritamente fonética, denomina nasais tanto as vogais marcadas pelo traço da nasalidade quanto aquelas que possuem apenas nasalação. Por isso você deve prestar bem atenção ao classificar as vogais para não colocar o traço da nasalidade em vogais que são apenas nasaladas.

Mãe
pai

O estudo dos encontros vocálicos não é tão simples como se aprende nas primeiras séries do Ensino Fundamental. Mas também não é tão complicado! A questão é que normalmente os professores não voltam a tratar do assunto em outras séries, quando os

CONCLUSÃO

alunos já têm um outro conhecimento e mesmo uma maturidade do português falado no Brasil. Nesta aula, tratamos do assunto de forma da fonologia da língua portuguesa, mas acrescentamos no final um tratamento exclusivamente relacionado à escrita que ajuda na separação da sílaba. Seria bom que você lesse o item 25 do capítulo VI do livro de Estrutura da língua portuguesa de Mattoso Câmara Jr. que trata da existência ou não dos ditongos em português. Existem duas hipóteses para a interpretação das vogais nasais em português. A primeira hipótese admite que as vogais nasais são entendidas como fonemas distintos das vogais não-nasais, ou seja, as vogais nasais se opõem às vogais não nasais pelo traço da nasalidade. A segunda hipótese interpreta as vogais nasais como variantes não distintas das vogais orais e, por isso mesmo, considera as vogais nasais como um grupo de dois fonemas, ou seja, vogal + arquifonema nasal. Em outras palavras, na primeira hipótese temos 12 (doze) fonemas vocálicos no português (/a,ɛ,e,i,ɔ,o,u,ã,ẽ,ĩ,õ,ũ/); na segunda hipótese temos apenas 7 (sete) na língua portuguesa (/a,ɛ,e,i,ɔ,o,u/).

RESUMO



São três os tipos de encontros vocálicos: ditongos, tritongos e hiatos. Ditongo é o encontro de uma vogal com uma semivogal.

Os ditongos podem ser decrescentes, quando a vogal vem antes da semivogal como em *rei*, e crescentes quando a semivogal vem antes da vogal como em *quase*. Somente os ditongos decrescentes são considerados estáveis; os ditongos crescentes são, na maioria das vezes, considerados instáveis. Alguns ditongos como [aj], [ey] e [ow] podem ser monotongados, ou seja, se transformam em vogal simples. O tritongo é o encontro de uma vogal entre duas semivogais, como em *Uruguai*; enquanto o hiato é o encontro de duas vogais, como *saí, país*.

A tendência dos encontros vocálicos de duas letras é de que as duas letras se separem em duas sílabas mantendo-se juntas em três casos:

1. Quando I ou U for a última letra e não houver nenhuma consoante formando sílaba com ela;
2. Quando houver QU- ou GU-;
3. Quando formar sílaba nasal.

Nos encontros vocálicos com três e quatro letras, verificamos que o sistema é o mesmo.

Eis as vogais nasais

ã, am, na = vogal central, baixa, fechada, nasal, tônica (como nas palavras *tupã, campo, canto*).

ã, am, na = vogal central, baixa, fechada, nasal, átona (como nas palavras *órfã, tambor, cantor*).

em, en = vogal anterior, média, fechada, nasal, tônica (como nas palavras *tempo, vento*).

em, en = vogal anterior, média, fechada, nasal, átona (como nas palavras *temporal, ventania*).

im, in = vogal anterior, alta, fechada, nasal, tônica (como nas palavras *limpo, lindo*).

im, in = vogal anterior, alta, fechada, nasal, átona (como nas palavras *limpeza, tinta*).

õ, om, on = vogal posterior, média, fechada, nasal, tônica (como nas palavras põe, tombo, tonto).

om, on = vogal posterior, média, fechada, nasal, átona (como nas palavras lombar, tontura).

um, un = vogal posterior, alta, fechada, nasal, tônica (como nas palavras tumba, fundo).

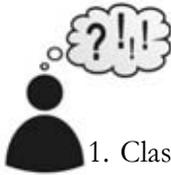
um, un = vogal posterior, alta, fechada, nasal, átona (como nas palavras cumbuca, mundial).

Isso se considerarmos as vogais nasais como o faz a NGB. Mas se considerarmos as vogais seguidas de arquifonema nasal teremos: aN, eN, iN, oN, uN e classificaremos a vogal oral seguida de arquifonema nasal como o /aN/ da palavra bandido.

/a/ = vogal central, baixa, aberta, oral, átona.

/N/ = arquifonema nasal

ATIVIDADES



1. Classifique as vogais nasais da frase de acordo com a classificação da Nomenclatura Gramatical Brasileira: “...os relógios fornecem indicação de data e temperatura, emitem sinais relaxantes que ajudam a diminuir o stress do dia-a-dia, sintonizam estações de rádio e podem, até mesmo, projetar as horas em paredes e tetos, deixando o ambiente com um ar mais futurista” (ISTOÉ /2014-11/6/2008).

2. Dessas vogais nasais da questão I, assinale as que fazem parte de ditongos nasais: “...os relógios fornecem indicação de data e temperatura, emitem sinais relaxantes que ajudam a diminuir o stress do dia-a-dia, sintonizam estações de rádio e podem, até mesmo, projetar as horas em paredes e tetos, deixando o ambiente com um ar mais futurista.” (ISTOÉ /2014-11/6/2008).

3. Transcreva as palavras abaixo e assinale se há nasalidade ou nasalação de acordo com o seu dialeto:

banheira = _____

canhoto = _____

camponês = _____

camada = _____

temperado = _____

canavial = _____

mentira = _____

fundada = _____

janela = _____

grandeza = _____

4. Classifique as vogais nasais da frase de acordo com a classificação de Mattoso Câmara Júnior. “O resultado da investigação está descrito no livro *Quando os médicos se tornam pacientes*.”

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

1. Classifique as vogais nasais da frase de acordo com a classificação da Nomenclatura Gramatical Brasileira: “...os relógios fornecem **indicação** de data e **temperatura**, emitem sinais relaxantes que **ajudam** a diminuir o stress do dia-a-dia, **sintonizam** estações de rádio e **podem**, até mesmo, projetar as horas **em** paredes e tetos, deixando o **ambiente com um** ar mais futurista.” (ISTOÉ /2014-11/6/2008)

As vogais assinaladas são as vogais nasais; eis sua classificação

/ / = vogal anterior, média, fechada, nasal átona.

/ / = vogal anterior, alta, fechada, nasal átona.

/ã/ = vogal central, baixa, fechada, nasal, tônica.

/ / = vogal anterior, média, fechada, nasal átona.

/ / = vogal anterior, média, fechada, nasal átona.

/ã/ = vogal central, baixa, fechada, nasal, tônica.

/ã/ = vogal central, baixa, fechada, nasal, átona.
 /ĩ/ = vogal anterior, alta, fechada, nasal, átona.
 /ã/ = vogal central, baixa, fechada, nasal, átona.
 /õ/ = vogal posterior, média, fechada, nasal, tônica.
 /ẽ/ = vogal anterior, média, fechada, nasal, átona.
 /ẽ/ = vogal anterior, média, fechada, nasal, átona.
 /ã/ = vogal central, baixa, fechada, nasal, tônica.
 /ã/ = vogal central, baixa, fechada, nasal, átona.
 /ẽ/ = vogal anterior, média, fechada, nasal, tônica.
 /õ/ = vogal posterior, média, fechada, nasal, átona.
 /ũ/ = vogal posterior, alta, fechada, nasal, átona.

2. Dessas vogais nasais da questão I, assinale as que fazem parte de ditongos nasais

“...os relógios fornecem indicação de data e temperatura, emitem sinais relaxantes que ajudam a diminuir o stress do dia-a-dia, sintonizam estações de rádio e podem, até mesmo, projetar as horas em paredes e tetos, deixando o ambiente com um ar mais futurista.” (ISTOÉ /2014-11/6/2008)

Como você pode ver todas as nasais em e am finais se transformam em ditongos nasais

3. Transcreva as palavras abaixo e assinale se há nasalidade ou nasalação de acordo com o seu dialeto:

banheira = /ba 'ɲeyɾa/ nasalação

canhoto = /ka 'ɲotu/ nasalação

camponês = /kãpo 'neys/ nasalidade para o [ã] e nasalação para o [o]

camada = /ka 'mada/ nasalação

temperado = /tẽpɛ 'ɾadu/ nasalidade

canavial = /kanavi 'aw/ nasalação

mentira = /m ẽ 'tiɾa/ nasalidade

fundada = /fũ 'dada/ nasalidade

janela = /ʒa 'nɛla/ nasalação

grandeza = /gɾã'deza/ nasalidade

4. Classifique as vogais nasais da frase de acordo com a classificação de Mattoso Câmara Júnior. “O resultado da **investigação** está descrito no livro *Quando os médicos se tornam **pacientes***.”

/i/ = vogal anterior, alta, fechada, oral, átona.

/N/ = arquifonema nasal

/a/ = vogal central, baixa, aberta, oral, tônica.

/N/ = arquifonema nasal

/a/ = vogal central, baixa, aberta, oral, tônica.

/N/ = arquifonema nasal

/a/ = vogal central, baixa, aberta, oral, átona.

/N/ = arquifonema nasal

/e/ = vogal anterior, média, fechada, oral, tônica

/N/ = arquifonema nasal

REFERÊNCIAS

- BECHARA, Evanildo. **Gramática escolar da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- CALLOU, Yonne e LEITE, Dinah. **Iniciação à fonética e à fonologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- CAVALIERE, Ricardo. **Pontos essenciais em fonética e fonologia**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- MATTOSO CÂMARA Jr., Joaquim. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2007 a.
- Dicionário de lingüística e gramática**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- Problemas de lingüística descritiva**. Petrópolis: Vozes, 2007.b
- ROCHA LIMA, **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 2002.
- SILVA, Thais Cristófar. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos**. São Paulo: Contexto, 2007.
- SIMÕES, Darcília. **Considerações sobre a fala e a escrita: fonologia em nova chave**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.